

# MANUAL PRÁTICO DE LEVITAÇÃO

© 2005, José Eduardo Agualusa

By arrangement with Literarische Agentur Mertin Inh. Nicole Witt e. K., Frankfurt am Main, Germany

Editoração Eletrônica

Rejane Megale

Revisão

Lígia Lopes Pereira Pinto

Capa

Martin Ogolter – Studio Ormus - [www.martinogolter.com](http://www.martinogolter.com)

Conversão do arquivo ePub

Rejane Megale

Adequado ao novo acordo ortográfico da língua portuguesa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

A237m

2. ed.

Agualusa, José Eduardo, 1960-

Manual prático de levitação : contos / José Eduardo Agualusa. - 2. ed. - Rio de Janeiro : Gryphus, 2021.

170 p. ; 21 cm. (Identidades ; 21)

ISBN 978-65-86061-23-9

1. Contos angolanos. I. Título. II. Série.

21-70693

CDD: A869.3

CDU: 82-34(673)

---

Gryphus Editora

Rua Major Rubens Vaz, 456 – Gávea – 22470-070

Rio de Janeiro – RJ – Tel: +55 21 2533-2508 / 2533-0952

[www.gryphus.com.br](http://www.gryphus.com.br)– e-mail: [gryphus@gryphus.com.br](mailto:gryphus@gryphus.com.br)

## Sumário

O exercício da liberdade, de Eucanaã Ferraz

### *Angola*

1. A noite em que prenderam Papai Noel
2. Eles não são como nós
3. Os cachorros
4. Um ciclista
5. Passei por um sonho
6. O homem da luz

### *Brasil*

1. Manual prático de levitação
2. O assalto
3. Se nada mais der certo leia Clarice
4. Catálogo de sombras
5. A casa secreta
6. Discurso sobre o fulgor da língua

### *Outros lugares de errância*

1. Não há mais lugar de origem
2. O corpo no cabide
3. Livre-arbítrio
4. Borges no inferno
5. Porque é tão importante ver as estrelas
6. *A silly season*
7. *A bigger splash*

## 8. Falsas recordações felizes

# EXERCÍCIO DA LIBERDADE



Lembro-me do lançamento de *Manual prático de levitação*. Poderia mesmo reconstituir alguns detalhes daquela noite, mas não saberia dizer o mais importante: quando aconteceu. Creio que era verão. Faz talvez uns dez anos. Então, vou ao livro e leio na folha de rosto a dedicatória do autor, datada de 2005. Um recorte de jornal, porém, vai além do ano: 4 de março, registra. Foi há quinze anos, portanto, para minha surpresa, que José Eduardo Agualusa lançava no Rio de Janeiro a primeira edição desta esplêndida reunião de contos trazida à luz pela mesma casa que a reedita agora. Coube a mim a alegria de apresentar o livro na noite de autógrafos.

Marcadamente africana, a obra inteira de Agualusa dá a ver algo como um *desígnio crioulo* que, para além dos estritos limites da questão racial, é tanto a investigação de reminiscências pessoais e coletivas quanto projeto de civilização – porque ainda em construção – vislumbrado nas amplas dimensões da cultura. Destaca-se o inventário livre – e libertador – da memória angolana, que, simultaneamente, é também afirmação de outras culturas africanas e, em um espectro ainda mais abrangente, asserção daquelas culturas que viveram processos traumáticos de colonização. No entanto, se não se trata de antropologia, sociologia ou crônica política – estamos no território fluido da imaginação viva –, as marcas singulares das circunstâncias históricas são convocadas e convertidas em dobras privilegiadas na urdidura secreta da escrita. As prerrogativas pertencem, porém, a tudo aquilo que, na linguagem, instala o cruzamento, a contaminação, o contraponto, a combinação imprevista, o enredo perturbador, a ambiguidade.

Penso em outro livro, *Nação crioula* – nome do navio negreiro que ata ali o doloroso e absurdo laço entre Angola e Brasil – para



chegar a este veemente conjunto de contos, *Manual prático de levitação*. Nação, identidades, história, cotidiano formam no romance um mundo flutuante, à superfície das águas do mar. Já no prático manual que o leitor tem em mãos, a flutuação desenvolveu-se no sentido mágico da levitação. Penso que a possibilidade de se erguer – pessoa ou coisa – acima do solo sem que nada a sustenha ou suspenda nos dá, aqui, oportunidade para pensar (para sentir) o caráter fluido das culturas e o deslizamento delas. Em vez da consagrada metáfora da identidade como raiz – cuja função é fixar à terra – propõe-se a água e o ar como elementos mais propícios ao deslocamento ou, ainda, ao descolamento. Assim, a identidade de uma mesma e única nação, a “nação crioula”, encontra-se em África, no Brasil e em Portugal, e também em qualquer lugar onde estejam presentes brasileiros, angolanos e portugueses. Em Berlim ou Frankfurt.

Não sem ironia, este *Manual prático de levitação* abre-se com um personagem albino. E, não por acaso, albino era também Félix Ventura, o personagem que vendia passados falsos em outro belo livro de Agualusa. Julgo que a ausência do pigmento da pele é então mais que uma anomalia congênita – nos dois casos, trata-se, simbolicamente, do apagamento da cor compreendida como índice de identidade. Há muito mais que raças e muito mais que as cores das peles, é o que parece nos dizer o albinismo destes personagens. O conto que abre a terceira parte do nosso *Manual* traz um título-chave: “Não há mais lugar de origem”.

Agualusa tem por obsessão o tema da memória, problema fundamental de sua escrita, que vincula história e ficção, pondo em questão os estatutos da literatura e do registro histórico, daí emergindo, de saída, tanto a dissolução do fato quanto a abertura do ficcional a outros modos de apreensão do mundo e a suas respectivas disposições narrativas. O acontecimento como verdade e a memória como instância abonadora são objetos preferenciais deste ficcionista, que, ao lançar mão da ironia, desqualifica toda ilusão.



Não resisto a um rápido olhar sobre o livro *As mulheres do meu pai*, que faz uso de diferentes gêneros ou formas de contar: entrevista, carta, diário, diálogo, monólogo, descrição. Diante da multiplicidade e da inconstância das coisas, a escrita também se fragmenta, aproximando-se da heterogeneidade absurda do real e evitando um ponto de vista estático. Na escrita de Agualusa, a indecisão é um método. Se esta põe em evidência as dificuldades do escritor que ambiciona um texto no qual não se perca de todo o que se poderia chamar de “realismo”, não decidir equivale também a deixar a escrita se contaminar da pluralidade das coisas do mundo para devolvê-la ao leitor como linguagem. “Indecidir” é, então, uma atividade criadora que reorganiza os materiais de que se serve – entre eles, a história – e que revela o conjunto de funções e mecanismos do escritor e da literatura como um todo. Segmentação e arranjo são algumas das principais atividades do *método-indecisão*.

Recorro, ainda, a outro romance, *Estação das chuvas*, que trata da repressão aos pequenos partidos de esquerda logo após a independência de Angola. Mais uma vez, o ato de escrever funde realidade e ficção. A certa altura, um preso, para vencer o tédio, pinta estrelas no teto de sua cela. Lembro-me de Agualusa haver contado em entrevista o seguinte caso: leitores que de fato estiveram presos disseram-lhe que se recordavam perfeitamente do tal homem que pintava constelações. Sim, eles se lembravam de algo que não acontecera, tomavam por verdade de suas próprias biografias um evento absolutamente ficcional. Como afirmar, então, que “não aconteceu” o que agora era reminiscência para aqueles homens? O baralhamento de fatos reais e ficção alcançava seu paroxismo: reescreveu as histórias de vida daqueles leitores.

*Manual prático de levitação* combina gestos aparentemente inconciliáveis: o golpe da ironia mais desconcertante e uma espécie de carícia no corpo ferido do mundo. Tomando os mecanismos da memória em suas disposições instáveis e misteriosas, a escrita emerge da própria impossibilidade de estabelecer fronteiras



nítidas entre o acontecido e o imaginado. Mas se tal movimento acusa a fragilidade de tudo o que concebemos como relato, notícia, fato, lembrança, Agualusa também faz ver o quanto os maquinismos que lhes dão forma – seja sob contornos íntimos e individuais, seja nos planos coletivos e de largas dimensões históricas – são sempre abrangentes, poderosos, violentos.

Lembro-me mais uma vez de *O vendedor de passados*, no qual somos apresentados a um personagem que fabrica genealogias respeitáveis e ostentatórias para seus clientes – prósperos negociantes, empresários, políticos, generais, toda uma emergente burguesia angolana. Não seria difícil julgar que o autor nos põe diante de uma desilusão; ou ainda, que ele apenas desmoraliza a memória. Tudo, no entanto, é bem mais sutil.

A história da guerra civil em Angola – tão relevante para compreendermos o século XX quanto os bombardeios de Hiroshima e Nagasaki, a revolução cubana ou a queda do muro de Berlim – tem de ser contada. Mas quem a conta e como contá-la? E o que fazer com as histórias de todos os dias, com os relatos que desapareceram, que desaparecem, que desaparecerão? Quem os salva do esquecimento? O desastre, o luto e a urgência dizem respeito a nós – não foi por acaso que Agualusa escreveu este *Manual prático de levitação* especialmente para os leitores brasileiros.

Enfim, a questão central nos mundos deste escritor não reside na negação da memória, tampouco na sua aceitação pacífica, mas na consciência irônica e perturbadora de que ela é também fábula, engenho, engano; e mentira. Ética e politicamente, define-se um projeto literário que afirma a liberdade, e dentro dela instala uma compreensão dos processos históricos que reconhece as multiplicidades, a beleza das contradições e que, sobretudo, convoca a disponibilidade imaginativa como uma espécie de amor pelas coisas.

Neste *Manual prático de levitação* – como nos livros *Nação crioula*, *O ano em que Zumbi tomou o Rio*, *As mulheres de meu pai*, *A rainha*

*Ginga*, entre outros, mas também nas suas crônicas de jornal – José Eduardo Agualusa reafirma com emoção, *humour*, leveza, ironia, intensidade, que todos somos invenção. E que, por isso, é possível escrevermos nossas vidas – contos breves, no fim das contas – de modo livre e libertador. Vale a pena fazer o exercício. A levitação é uma prática.



# ANGOLA

# A NOITE EM QUE PRENDERAM PAPAI NOEL



O velho Pascoal tinha uma barba comprida, branca, esplendorosa, que lhe caía em tumulto pelo peito. Estilo? Não: era apenas miséria. Mas foi por causa daquela barba que ele conseguiu trabalho. Por isso e por ter nascido albino, pele de osga e piscos olhinhos cor-de-rosa, sempre escondidos por detrás de uns enormes óculos escuros. Naquela época já nem pensava mais em procurar emprego, certo de que morreria em breve numa rua qualquer da cidade, mais de tristeza que de fome, pois para se alimentar bastava-lhe a sopa que todas as noites lhe dava o General, e uma ou outra côdea de pão descoberta nos contentores. À noite dormia na cervejaria, na mesa de bilhar, enrolado num cobertor, outro favor do General, e sonhava com a piscina.

Tinha trabalhado quarenta anos na piscina — desde o primeiro dia! — como zelador. Sabia ler, contar, e ainda todas as devoções que aprendera na Missão, sem falar na honestidade, higiene, amor ao trabalho. Os brancos gostavam dele, era Pascoal para aqui, Pascoal para ali, confiavam-lhe as crianças pequenas, alguns até o convidavam para jogar futebol (foi um bom goleiro), outros faziam confidências, pediam o quarto emprestado para fazer namoros.

O quarto de Pascoal ficava junto aos vestiários masculinos. Aquela era a sua casa. Os brancos davam-lhe palmadas nas costas:

“Pascoal, o único preto em Angola que tem casa com piscina.”

Riam-se:

“Pascoal, o preto mais branco de África.”

Contavam piadas sobre albinos:

“Conheces aquela do soba, no Dia da Raça, que foi convidado para discursar? O gajo subiu ao palanque, afinou a voz e começou: *Aqui em Angola somos todos portugueses, brancos, pretos, mulatos e albinos, todos portugueses*”.



Os pretos, pelo contrário, não gostavam de Pascoal. As mulheres muxoxavam, cuspiam quando ele passava, ou, pior do que isso, fingiam nem sequer o ver. As crianças saltavam o muro, madrugada, e lançavam-se à piscina. Ele tinha de se levantar, em cuecas, para os tirar de lá. Um dia comprou uma espingarda de chumbinhos, de segunda mão, e passou a disparar contra eles emboscado por detrás das acácias.

Quando os portugueses fugiram, Pascoal compreendeu que os dias felizes haviam chegado ao fim. Assistiu com desgosto à entrada dos guerrilheiros, aos tiros, ao saque das casas. O que mais lhe custou, nos meses seguintes, foi vê-los entrar na piscina, camarada para aqui, camarada para ali, como se já ninguém tivesse nome. As crianças, as mesmas que antigamente Pascoal expulsava a tiros de chumbinho, faziam xixi do alto das pranchas. Até que numa certa tarde faltou a água. Não veio no dia seguinte, nem no outro, nem nunca mais. O cloro acabou pouco depois. A piscina murchou. Ficou amarela, de um amarelo baço, ficou ainda mais baça, e subitamente encheu-se de rãs. Ao princípio Pascoal tentou combater a invasão indo buscar a espingarda. Não resultou. Quanto mais rãs matava, mais rãs apareciam, rãs felizes, enormes, que nas noites de lua cheia cantavam até de madrugada, abafando o eco dos tiros, ao longe, e o latido dos cães.

Uma espécie de cansaço desceu por sobre as casas e a cidade começou a morrer. África — vamos chamar-lhe assim — voltou a apoderar-se do que fora seu. Abriram-se cacimbas nos quintais. Acenderam-se fogueiras nos jardins. O capim rompeu o asfalto, invadiu os passeios, os muros, os pátios. Mulheres pilavam milho nos salões. Os frigoríficos passaram a servir para guardar sapatos. Pianos deram excelentes coelheiras. Gerações de cabras cresceram a comer bibliotecas, cabras eruditas, especializadas em literatura francesa, umas, outras em finanças ou arquitetura. Pascoal esvaziou a piscina, limpou-a, juntou todo o dinheiro que tinha e comprou galinhas. Pediu desculpa à piscina:

“Amiga”, disse-lhe: “é só por alguns meses. Vou vender ovos,



vendo os pintos e compro água boa, compro cloro, vais voltar a ser bonita como antigamente.”

Os tempos que se seguiram, porém, foram ainda piores. Uma tarde apareceram soldados e levaram as galinhas. Pascoal não disse nada. Devia, talvez, ter dito alguma coisa.

“Esse albino está armado em arrogante”, irritou-se um soldado: “Deve pensar que é branco, vejam só, um branquinho de imitação.”

Bateram-lhe. Deixaram-no como morto dentro da piscina. Meses depois, vieram outros soldados. Tinham-lhes dito que ali havia um albino que criava galinhas, e como não encontraram nenhuma, é claro, bateram-lhe também.

A guerra regressou com muita raiva. Aviões bombardearam a cidade, o que restava dela, durante cinquenta e cinco dias. Ao trigésimo sexto, uma das bombas destruiu a piscina. Durante semanas, andou Pascoal à deriva por entre os escombros.

Uma vez apareceram três homens de jipe, um branco, um mulato, um preto, e todos de casaco e gravata.

“Meu Deus! Meu Deus!” Lamentou o mulato, fazendo com a mão um largo gesto de desânimo: “Foi um urbicídio isto, um urbicídio...”.

Pascoal não sabia o significado da palavra mas gostou dela. “Foi um urbicídio”, repetiu, e ainda hoje, sempre que se lembra da piscina, fica horas a remoer aquela frase: “foi um urbicídio, aquilo, um urbicídio”. Uma tropa de brancos muito estrangeiros, todos com chapeuzinhos azuis, recolheu-o numa madrugada de chuva e trouxe-o para Luanda. Ficou dois dias no hospital, onde lhe trataram das feridas e lhe deram de comer. Depois mandaram-no embora. O velho passou a viver na rua. Um dia, era dezembro e fazia muito calor, o indiano do novo supermercado, na Mutamba, veio falar com ele:

“Precisamos de um Pai Natal”, disse-lhe: “contigo poupávamos na barba e, além disso, como tens um tipo nórdico, ficava a coisa mais autêntica. Estamos a dar três milhões por dia. Serve?”

A função dele era ficar em frente ao supermercado, vestido



com um pijama vermelho, e de barrete na cabeça. Como estava magrinho, foi necessário amarrarem-lhe duas almofadas na barriga. Pascoal sofria com o calor, suava o dia inteiro debaixo do sol, mas pela primeira vez ao fim de muitos anos sentia-se feliz. Assim vestido, com um saco na mão, ele oferecia prendas às criancinhas (preservativos doados por uma organização não governamental sueca ao Ministério da Saúde) e convidava os pais a entrarem na loja. “Sou o Pai Natal cambulador”, explicou ao General.

Cambulador foi ofício em Angola até a primeira metade deste século: gente contratada para aliciar clientes à porta dos estabelecimentos comerciais. Cada dia Pascoal gostava mais daquele trabalho. As crianças corriam para ele de braços abertos. As mulheres riam-se, cúmplices, piscavam-lhe o olho (nunca nenhuma mulher lhe tinha sorrido); os homens cumprimentavam-no com deferência:

“Boa tarde, Pai Natal! Este ano como é que estamos de prendas?”

O velho apreciava sobretudo o espanto dos meninos da rua. Faziam roda. Pediam muita licença para tocar o saco. Um, pequenino, fraquinho, segurou-lhe as calças:

“Paizinho Natal”, implorou: “me dá um balão.”

Pascoal tinha instruções severas para só oferecer preservativos às crianças acompanhadas, e mesmo assim dependia do aspecto da companhia. O contrato era claro: meninos da rua deviam ser enxotados.

Ao fim da segunda semana, quando a loja fechou, Pascoal decidiu não tirar o disfarce e foi naquele escândalo para a cervejaria. O General viu-o e não disse nada. Serviu-lhe a sopa em silêncio.

“Faz muita miséria neste país”, queixou-se o velho enquanto sorvia a sopa: “o crime compensa”.

Nessa noite não sonhou com a piscina. Viu uma senhora muito bonita descer do céu e pousar na beira da mesa de bilhar. A



senhora usava um vestido comprido com pedrinhas brilhantes e uma coroa dourada na cabeça. A luz saltava-lhe da pele como se ela fosse um candeeiro.

“Tu és o Pai Natal”, disse-lhe a senhora: “Mandei-te aqui para ajudar os meninos despaldados. Vai à loja, guarda os brinquedos no saco e distribui-os pelas crianças.”

O velho acordou estremunhado. Na noite densa, em redor da mesa de bilhar, flutuava uma poeira incandescente. Voltou a enrolar-se no cobertor mas não conseguiu adormecer. Levantou-se, vestiu-se de Pai Natal, pegou no saco e saiu para a rua. Em pouco tempo chegou à Mutamba. A loja brilhava, enorme na praça deserta, como um disco voador. As Barbies ocupavam a montra principal, cada uma no seu vestido, mas todas com o mesmo sorriso entediado. Na outra montra estavam os monstros mecânicos, as pistolas de plástico, os carrinhos elétricos. Pascoal sabia que se partisse o vidro dessa montra, conseguiria passar a mão através das grades e abrir a porta. Pegou numa pedra e partiu o vidro. Já estava a sair, com o saco completamente cheio, quando apareceu um polícia. No mesmo instante, atrás dele, acendeu-se uma acácia, na esquina, e Pascoal viu a Senhora, a sorrir para ele, flutuando sobre o lume das flores. O polícia não pareceu dar por nada.

“Velho sem vergonha”, gritou: “Vais dizer-me o que levas nesse saco?”

Pascoal sentiu que a sua boca se abria, sem que fosse essa a sua vontade, e ouviu-se a dizer:

“São rosas, senhor.”

O polícia olhou-o confuso:

“Rosas? O velho está cacimbado...”

Deu-lhe um forte tapa com as costas da mão. Tirou a pistola do coldre, apontou-a à cabeça dele e gritou:

“São rosas? Então mostra-me lá essas rosas!...”

O velho hesitou um momento. Depois voltou a olhar para a acácia em flor e viu outra vez a Senhora sorrindo para ele,



belíssima, toda ela uma festa de luz. Pegou no saco e despejou-o aos pés do guarda. Eram rosas, realmente — de plástico.

Mas eram rosas.

ELES NÃO SÃO COMO NÓS



*“Judas he verdade que foi traidor, mas com lanternas adiante; traçou a traição às escuras, mas executou-a muito às claras. O polvo escurecendo-se a si tira a vista aos outros, e a primeira traição e roubo que faz he à luz para que não distinga as cores.”*

— Padre António Vieira —

Quem naquela noite salvou Dona Filipinha de Carpo foi o padre António Vieira. A velha senhora tinha-se deitado a ler o “Sermão aos Peixes” e tão encantada ficara com o discurso do jesuíta que às duas horas da manhã ainda estava acordada. Foi assim que ouviu, no quarto de Carolina, o furtivo ranger da janela a abrir-se e depois, com toda a certeza, passos de homem. Levantou-se em camisa de noite (uma espantosa camisa em seda estampada que Charles lhe trouxera de Singapura) e avançou pelo corredor segura de que finalmente estava a acontecer-lhe aquilo que há muitos anos receava. Quando abriu a porta viu um homem debruçado sobre a menina, viu que ela dormia, viu a faca, e soube o que ia acontecer em seguida.

“Não faça isso”, disse baixinho: “ela só tem quinze anos.”

O homem voltou-se em silêncio e apontando-lhe a faca murmurou:

“Se gritares matamos-te já!”

Estava assustado. Dona Filipinha teve pena dele:

“Pouse a faca”, disse-lhe: “Pouse a faca e vamos conversar”.

O homem tinha um ar feroz mas ao mesmo tempo desamparado. Vestia uma velha farda do exército, muito gasta, e trazia umas sandálias abertas, que deixavam ver as unhas pintadas, uma de cada cor. Olhou-a com raiva:

“Conversar? Conversar não nos mata a fome!”



A velha senhora sorriu:

“É verdade! Vamos então para a cozinha e eu sirvo-lhe uma sopa quente. E depois, se quiser, podemos conversar.”

O homem seguiu-a de rosto fechado. Na cozinha sentou-se, pousou a faca na mesa, e só então pareceu tranquilizar-se um pouco.

“No Cuíto”, disse: “sonhávamos todas as noites com comida”.

Dona Filipinha olhou-o enquanto preparava a sopa:

“Então você esteve no Cuíto?...”

O homem não pareceu ouvi-la:

“Isso foi antes de começamos a comer os mortos. Agora já só sonhamos com eles.”

Pegou na faca e cortou um pão. Cortou uma grossa fatia de queijo e meteu-a no pão. Comeu tudo sem respirar. Dona Filipinha colocou-lhe o prato de sopa à frente e uma colher. Ele afastou a colher, pegou no prato com ambas as mãos e sorveu a sopa:

“Se estivesse a dormir tínhamos-te cortado o pescoço. A ti e à tua filha.”

Dona Filipinha voltou a encher-lhe o prato:

“Como é que você se chama?”

O homem encolheu os ombros:

“Nós não temos nome!”

Lá fora ouviram-se tiros. Uma primeira rajada, muito perto, e logo outra ao longe. Uma voz cansada gritou qualquer coisa. A seguir não se ouviu mais nada.

“É assim todas as noites”, disse a senhora: “a semana passada encontrei um cadáver nas escadas. Tinham-lhe cortado os dedos. Conteí oito espalhados pelo chão. Alguém me disse que era um bandido”.

O homem olhou com estranheza as próprias mãos. Pegou na colher e comeu em silêncio o resto da sopa. Falava como se estivesse sozinho.

“Estávamos seminaristas, mas o seminário fechou. Então fomos professores nas jornadas de alfabetização e depois nos alistaram



nas Forças Armadas. Fizemos a guerra durante vinte anos. Matamos e morremos muitíssimo.”

Voltou-se para Dona Filipinha:

“Sobraram poucos para contar como foi!”

Esfregou o rosto e ficou outra vez em silêncio. Se fechasse os olhos podia pensar-se que adormecera. Uma cama rangeu no andar de cima. Uma mulher começou a gemer enquanto a cama rangia. Era como se estivesse ali, dobrada sobre a mesa da cozinha, tensa e suando, mordendo os lençóis e gemendo ao compasso da cama.

“Arranja-nos um saco”, pediu o homem: “não temos a noite inteira.

Dona Filipinha entregou-lhe um saco de couro, largo e fundo, e ele levantou-se, abriu as gavetas e começou a recolher os talheres de prata. Nesse momento Carolina entrou na cozinha, inteiramente nua, no esplendor alucinado dos seus quinze anos. Ficou um momento parada debaixo da luz, piscando os olhos, como uma gazeta surpreendida em pleno sono:

“Vinha buscar um copo de leite”, disse: “Não sabia que estava gente aqui”.

Dona Filipinha empurrou-a com ternura:

“Vai para o teu quarto menina. Eu já te levo o leite.”

O homem sacudiu a cabeça:

“Não devia deixá-la andar assim. Não neste tempo, não neste país.”

A senhora ficou aflita:

“É ainda uma criança. Podia ser sua filha.”

Disse aquilo sem grande convicção. Quando Carolina tinha doze anos tirara-a da casa da família porque os cinco irmãos, todos mais velhos, se aproveitavam dela (a mãe dizia que era ela que se aproveitava deles). Agora via-a crescer belíssima, inquietante, e sentia que estava a criar uma flor carnívora. Quis falar de outra coisa mas não lhe ocorreu mais nada.

“Tenho medo dela, sussurrou: “Não é como nós”.

Pela primeira vez o homem olhou-a nos olhos:



“Este país também já não é o nosso”, disse baixando a voz: “É o país deles. Deus abandonou-nos e o mundo esqueceu-se de nós”.

Pousou o saco sobre a mesa:

“Tens joias?”

Dona Filipinha foi ao quarto buscar a caixa onde guardava as joias, abriu-a e despejou tudo dentro do saco. A voz tremeu-lhe um pouco:

“Não tenho mais nada...”

O homem apontou para o anel de ouro que ela trazia no dedo mínimo da mão esquerda.

“Esse também!”

A senhora suspirou fundo e encarou-o:

“Não pode ser. Foi oferta da minha avó, que por sua vez o herdou da mãe. Está na família há quatro gerações. Este fica comigo.”

O homem agarrou-lhe na mão e tirou-lhe o anel. A seguir colocou o saco ao ombro, saiu da cozinha, abriu a porta da rua e foi-se embora. Dona Filipinha esperou que ele descesse as escadas. Depois, voltou à cozinha e encheu um copo com leite. Nesse momento ouviu-se lá fora um tumulto de vozes, gente a correr, uma rajada rápida, risos. Carolina, nua, estava debruçada na janela do quarto:

“Más notícias!”, gritou para dentro: “Limparam o teu amigo!...”.

Dona Filipinha pousou o copo de leite na mesinha de cabeceira e sentou-se na cama. Sentia-se muito cansada:

“Não era meu amigo”, disse: “E de qualquer forma já estava morto”.



# OS CACHORROS

“Em criança eu já era ambicioso. Quando me perguntavam – “o que queres ser quando fores grande?” –, punha-me nos bicos dos pés e respondia – “o maior!”. Havia de ser o maior. Só não sabia em que ramo”.

Jerónimo suspirou. Não disse mais nada. Não era necessário dizer mais nada. Olhando através da janela avistava-se o rio, uma massa de água lamacenta e rumorosa, que descia sempre, e sempre, em meio à ramagem das árvores, ao capim verde, às altas palmas das palmeiras, arrastando para o mar a última luz do dia. Jerónimo levava-me a visitar toda a fazenda. Achei-a imensa. Mostrou-me o lago (salgado) onde pousavam os flamingos. Imitou o canto de diversos pássaros, conseguindo, em alguns casos, que estes lhe respondessem. Deixou que eu fotografasse, pousada numa larga folha de bananeira, uma espécie raríssima de borboleta, mas não me autorizou a capturá-la. Acompanhei-o no jipe, em silêncio, enquanto ele, apontando com o dedo, me ia apresentando às diferentes ervas, ramadas, rebentos e flores, exaltando as virtudes medicinais desta ou daquela ou alertando para os perigos de uma outra.

Ao vê-lo pela primeira vez, na tarde anterior, ficara com a impressão de estar diante de um sujeito capaz de conseguir tudo aquilo que se propunha, duro e determinado. Não imaginei que as flores o comovessem. Os olhos, frios, sombrios, pousaram nos meus, e ele sorriu:

“Não nos conhecemos já?”

O sorriso transformava-o. Enquanto me mostrava a fazenda sorria o tempo todo. Em determinada altura vimos um rapazinho a cruzar um descampado. Jerónimo dirigiu o jipe na direção dele.

“Estás a caçar pássaros?”

O rapaz assegurou que não. Jerónimo sacudiu os ombros:



“Ainda bem. Seja como for isto é terreno privado. É melhor saíres daqui antes que anoiteça. Depois solto os meus cães e eles dão contigo e comem-te. Não vai sobrar nada de ti. Nem os ossos.”

O rapaz riu-se. Jerónimo também se riu e eu imitei-o. A rir parecia um menino. Dali, de onde estávamos agora, sentados ambos em cadeirões de verga, podíamos ver o rio, um caminho entre palmeiras e, ao fundo, a jaula onde os cães aguardavam. Eram animais sólidos, ansiosos, que não pareciam feitos de carne, mas de um material simultaneamente mais firme e mais elástico. Tinham uma cabeça enorme, desproporcionada em relação ao corpo, e era evidente que toda a sua energia convergia para os possantes maxilares. Jerónimo reparou no meu olhar:

“Ah, sim, são perigosos. Atacam sem aviso e quando fecham os dentes ninguém consegue que voltem a abrir a boca.”

Contou que, meses antes, um animal da mesma ninhada dos que eu via ali mordera um camponês numa das pernas. Nunca mais a largou, nem quando os outros trabalhadores o feriram, no lombo e na cabeça, com paus e com pedras, nem quando o regaram com jatos fortes de água, nem quando lhe lançaram álcool nos olhos, nem sequer depois que o mataram, cortando-lhe o pescoço a golpes de catana.

“Há países onde é proibido criar estes cães. A mim, tudo o que é proibido me entusiasma. Agora estão um pouco preguiçosos. Costumava treiná-los todos os dias, com a ajuda de um burro, mas o burro suicidou-se.”

“Um burro?!”

“Sim, suicidou-se. Atirou-se ao rio.”

Explicou que costumava amarrar o burro a uma árvore e depois açulava os cães contra ele. O burro lutava bravamente, às patadas, às dentadas, até repelir os atacantes.

“Mas não se magoava?”

“É claro. Os cães arrancavam-lhe pedaços de carne. Bifes inteiros.”

Riu-se muito. Eu não me ri. Levantei-me e dei alguns passos em



direção à porta. A noite já tinha caído e cobria tudo, agora, com o seu vasto silêncio de estrelas. Voltei a sentar-me. Jerónimo foi soltar os cães.

# UM CICLISTA